

ESTRUTURA DISSERTATIVA

- ✓ **Título:** Primeira entrada cognitiva do texto.
- ✓ **Tese:** (Ideia principal, objetivo central, propósito comunicativo) = posicionamento do autor frente ao tema.
- ✓ **Argumentos:** ideias secundárias que sustentam a tese.
- ✓ **Estratégias argumentativas** = elementos de prova empregados para sustentar as ideias que defendem a tese (definição, comparação, exemplificação, relação de causa e efeito, alusão histórica, citação).
- ✓ **Reiteração:** retomada ou resumo das ideias centrais do texto, manutenção da tese.

Entenda a finalidade de cada estratégia

- ✓ Definição – conceito de uma ideia de forma objetiva ou subjetiva.
- ✓ Citação (argumento de autoridade) – menção a algum especialista ou pessoa autorizada.
- ✓ Comparação – relação entre um elemento e outro (semelhanças ou diferenças).
- ✓ Relação de causa e efeito – apresentação das razões (motivos) e suas consequências.
- ✓ Senso comum – ponto de vista da maioria das pessoas.
- ✓ Alusão histórica – referência breve a fato registrado na história oficial.
- ✓ Exemplos – ilustração por meio de fatos apresentados nos veículos midiáticos.
- ✓ Contra-argumento - contestação para derrubar um argumento opositor.

TEXTO PARA ANÁLISE:

Ideias e crenças são coisas tão distintas quanto ciência e religião. Se a origem do homem, e das outras espécies que povoam ou povoaram a Terra, é desses assuntos que não se pode provar ou desmentir em laboratório, cada um de nós é livre para acreditar em cada palavra do livro do Gênesis — ou de qualquer outro mito da criação — sem passar por excêntrico ou ignorante.

Mas é desonestidade intelectual querer conferir a narrativas bíblicas status de argumento científico, em pé de igualdade com a teoria da evolução de Darwin, proposta no século XIX e desde então predominante no mundo científico.

Por ser teoria e não dogma, o darwinismo está, obviamente, sujeito à contestação. É da natureza da ciência ser demonstrável, e portanto refutável. Mas ciência se contesta com ideias e experiências e não com a fé. Desde o início, Darwin foi rejeitado por setores religiosos que consideram heresia negar a origem divina do homem, como está na Bíblia.

Graças ao lobby da direita cristã, alguns estados americanos impuseram o ensino do criacionismo como antídoto para o evolucionismo — que não conseguiram proibir. Já não se trata de desonestidade intelectual, mas de irresponsabilidade.

Ultimamente, na onda conservadora que veio com a ascensão de George W. Bush e sua coterie, ressuscitou-se a teoria do intelligent design, que é o criacionismo com roupagem pseudocientífica. Seus seguidores endossam oficialmente Darwin, fazendo a ressalva de que os seres vivos são complexos demais para que não tenha havido interferência inteligente em momentos cruciais de sua evolução.

Para muitos a teoria do projeto inteligente é mais danosa do que o fundamentalismo religioso, que aceita sem disfarces os

mitos da criação do mundo em seis dias, de Adão e Eva, da Arca de Noé.

Nada contra a fé, mas confundir deliberadamente ciência e religião, e levar a confusão aos bancos escolares, é tática de quem pretende misturar Estado e religião. O Estado laico é uma conquista da civilização ocidental que muitos governantes — inclusive no Brasil, notadamente no Rio de Janeiro — revogariam por decreto para garantir votos, se tudo na vida se resolvesse com uma penada.

(Editorial - O Globo)

1 (FGV / IBGE / ANALISTA / 2016)

Texto – A eficácia das palavras certas

Havia um cego sentado numa calçada em Paris. A seus pés, um boné e um cartaz em madeira escrito com giz branco gritava: “Por favor, ajude-me. Sou cego”. Um publicitário da área de criação, que passava em frente a ele, parou e viu umas poucas moedas no boné. Sem pedir licença, pegou o cartaz e com o giz escreveu outro conceito. Colocou o pedaço de madeira aos pés do cego e foi embora.

Ao cair da tarde, o publicitário voltou a passar em frente ao cego que pedia esmola. Seu boné, agora, estava cheio de notas e moedas. O cego reconheceu as pegadas do publicitário e perguntou se havia sido ele quem reescrevera o cartaz, sobretudo querendo saber o que ele havia escrito.

O publicitário respondeu: “Nada que não esteja de acordo com o conceito original, mas com outras palavras”. E, sorrindo, continuou o seu caminho. O cego nunca soube o que estava escrito, mas seu novo cartaz dizia: “Hoje é primavera em Paris e eu não posso vê-la”.

(Produção de Texto, Maria Luíza M. Abaurre e Maria Bernadete M. Abaurre)

O título dado ao texto:

- (A) resume a história narrada no corpo do texto;
- (B) afirma algo que é contrariado pela narrativa;
- (C) indica um princípio que é demonstrado no texto;
- (D) mostra um pensamento independente do texto;
- (E) denuncia um princípio negativo de convencimento.

2 (FGV / IBGE / ANALISTA / 2016) *“Havia um cego sentado numa calçada em Paris. A seus pés, um boné e um cartaz em madeira escrito com giz branco gritava: “Por favor, ajude-me. Sou cego”.*

A respeito dos componentes e do sentido desse segmento do texto, é correto afirmar que:

- (A) o cego gritava para ser ouvido pelos transeuntes;
- (B) as palavras gritadas pelo cego tentavam convencer o público que passava;
- (C) as palavras do cartaz apelavam para a caridade religiosa das pessoas;
- (D) a segunda frase do cartaz do cego funciona como consequência da primeira;
- (E) o cartaz “gritava” porque o giz branco se destacava no fundo preto.

3 (FGV / IBGE / ANALISTA / 2016) A nova forma do cartaz apela para:

- (A) a intimidação das pessoas pelo constrangimento;
- (B) o racionalismo típico dos franceses;
- (C) a inteligência culta dos transeuntes;
- (D) o sentimentalismo diante da privação do cego;
- (E) a sedução das pessoas pelo orgulho da ajuda prestada.

(FGV / IBGE / TÉCNICO / 2016) TEXTO 2 - O Brasil continua envelhecendo

A tendência vem sendo observada ano a ano. Em 2014, a população chegou a 203,2 milhões de pessoas, e indivíduos com mais de 60 anos representavam 13,7% do país. É um aumento de 0,7 ponto percentual em relação a 2013.

A proporção em si não é gritante, mas o movimento vem sendo contínuo e acompanha uma redução pequena, porém também constante, do número de jovens. Enquanto o número de idosos subiu, o de pessoas com menos de 24 anos caiu 0,8 ponto percentual, passando a representar 38% da população. Para fins de comparação, em 2004 a população acima de 60 anos era de 9,7%.

Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151113_resultados_pnad_jc_ab

4 (FGV / IBGE / TÉCNICO / 2016) As palavras que formam o título dado ao texto 2 permitem inferir que:

- (A) o país vai envelhecer em ritmo mais intenso nos próximos anos;
- (B) as pesquisas anteriores já indicavam o envelhecimento da população;
- (C) o Brasil está sofrendo uma redução numérica progressiva de sua população;
- (D) as estruturas sociais e econômicas do país estão ficando ultrapassadas;
- (E) nosso país está atravessando um momento de passagem para a maturidade cultural.

(FGV / IBGE / ANALISTA / 2016)

Texto 1 – Um país em berço de sangue

O maior país da América Latina, com a maior população católica do mundo, não nasceu de forma tranquila. Neste livro, com o realismo dos documentos originais, vemos claramente a brutalidade do extermínio dos índios na costa brasileira, berço de sangue cujo marco determinante é a fundação da cidade do Rio de Janeiro.

O Brasil real começou a ser construído por homens como o degredado João Ramalho, que raspava os pelos do corpo para se mesclar aos índios e construiu um exército de mestiços caçadores de escravos mais poderoso que o da própria Coroa; personagens improváveis como o jesuíta Manoel da Nóbrega, padre gago incumbido de catequizar um povo de língua indecifrável, esteio da erradicação dos “hereges” antropófagos; líderes implacáveis como Aimberê, ex-escravo que tomou a frente da resistência e Cunhambebe, cacique “imortal”, que dizia poder devorar carne humana porque era “um jaguar”.

Incluindo protestantes franceses, que se aliaram aos índios para escapar dos portugueses e da Inquisição, além de mamelucos, os primeiros brasileiros verdadeiramente ligados à terra, que falavam tupi tanto quanto o português e partiram do planalto de Piratininga para caçar índios e estenderam a colônia sertão adentro, surge um povo que desde a origem nada tem da autoimagem do “brasileiro cordial”.

(Texto da orelha do livro A conquista do Brasil, de Thales Guaracy, Planeta, Rio de Janeiro, 2015)

5 (FGV / IBGE / ANALISTA / 2016) O título dado ao texto 1 – Um país em berço de sangue – alude:

- (A) à presença da violência como marca de nossa história através dos tempos;
- (B) ao temperamento belicoso de todos os povos que formaram este país;
- (C) à brutalidade do extermínio de indígenas na costa brasileira;
- (D) às guerras internas e externas na formação do Brasil;
- (E) ao início cruel da fundação do Rio de Janeiro, com a escravização dos índios.

(FGV / CODEBA / TÉCNICO / 2016)

Texto I

**Atividade humana causa
“marcas evidentes” no registro geológico**

A atividade humana alterou os sistemas naturais da Terra a tal ponto e deixou marcas tão evidentes no registro geológico do planeta que, se os especialistas assim decidirem, as gerações futuras não deverão ter problemas em identificar o chamado Antropoceno, a “era dos humanos”. Esta é a conclusão de uma equipe internacional de cientistas após uma revisão de diversos estudos relacionados ao assunto, publicada na edição desta semana da revista “Science”.

Cunhado pelo biólogo americano Eugene F. Stoermer no início dos anos 1980, o termo Antropoceno faz referência à maneira como os geólogos nomeiam os vários éons, eras, períodos, épocas e idades pelas quais a Terra passou nos seus cerca de 4,6 bilhões de anos de existência. De lá para cá, ele tem sido usado com cada vez mais frequência por pesquisadores e profissionais das mais variadas áreas para destacar como a Humanidade está mudando nosso planeta.

(Cesar Baima, O Globo, 08/01/2016)

6 (FGV / CODEBA / TÉCNICO / 2016) O título dado ao texto – Atividade humana causa “marcas evidentes” no registro geológico – indica:

- (A) uma estratégia de suspense a fim de atrair leitores.
- (B) uma conclusão de um estudo citado no texto.
- (C) uma tese amplamente conhecida por geólogos.
- (D) uma hipótese a ser futuramente verificada.
- (E) uma explicação metalinguística do termo “Antropoceno”.

7 (FGV / CODEBA / TÉCNICO / 2016) “A atividade humana alterou os sistemas naturais da Terra a tal ponto e deixou marcas tão evidentes no registro geológico do planeta...”.

Se considerarmos o fato de a atividade humana ter alterado os sistemas naturais da Terra como uma tese, o argumento que a apoia é

- (A) a opinião do enunciador.
- (B) a hipótese apresentada.
- (C) a citação de uma autoridade.
- (D) a evidência flagrante.
- (E) a probabilidade bastante forte.

8 (FGV / ALERJ / PROCURADOR / 2017) Em seu livro Verissimas, Luis Fernando Verissimo faz a seguinte observação:

“Dizem que Kurosawa nunca teve no Japão o prestígio que teve no Ocidente. Talvez não tenha sido um dos melhores diretores do Japão, mas foi um dos melhores diretores do mundo. Kurosawa nunca fez o espetáculo só pelo espetáculo e até uma carga de cavalaria num filme seu podia ser uma reflexão humanista”.

Sobre a estruturação argumentativa desse texto, somente é correto afirmar que:

- (A) toda a argumentação de Verissimo se apoia exclusivamente em sua própria opinião;
- (B) Verissimo, ainda que discorde da opinião japonesa sobre Kurosawa, faz uma concessão aos que pensam de forma diferente;
- (C) segundo Verissimo, a opinião universal, particularmente do Ocidente, atribui um valor oposto ao que Kurosawa recebe no Japão;
- (D) a afirmação de que Kurosawa é o melhor diretor cinematográfico do Japão se apoia na flagrante defesa do humanismo na produção de cenas comuns;
- (E) de acordo com Verissimo, o cinema é um tipo de arte que deve apoiar-se na produção do espetáculo pelo espetáculo, por não ser um veículo adequado à Filosofia.

(FGV / PGE-RO / TÉCNICO / 2015)

Texto 3 – Carta do Leitor – Aposentadoria

O governo federal tem que escolher se quer mesmo fazer uma regra de aposentadoria para valer ou vai fazer outra pequena e de duvidosa justiça para todos. Se vai ser para valer, terá que acabar com a curiosa aberração que é a aposentadoria para mulher ser antecipada em cinco anos; absurdo inexistente em praticamente todo o mundo, além do que, no Brasil, elas vivem em média 8 anos a mais que os homens. A dupla jornada, antiga alegação, hoje é compartilhada com seus maridos e companheiros e não serve mais. O governo terá também que acabar com a aposentadoria de cinco anos menos para professores, uma vez que não há razão para esse benefício. Independentemente de sexo ou profissão, todos têm que pagar pelo mesmo número de anos. (O Globo, 9/10/2015)

9 (FGV / PGE-RO / TÉCNICO / 2015) No texto 3, os argumentos empregados pelo leitor são caracterizados como:

- (A) testemunhos de autoridade / opinião pessoal;
- (B) opinião pessoal / exemplos externos;
- (C) exemplos externos / fatos históricos;
- (D) fatos históricos / apelo à tradição;
- (E) apelo à tradição / testemunhos de autoridade.

(FGV / MPE-RJ / TÉCNICO / 2016)

TEXTO 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos smartphones. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo

lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, "The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de São Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

10 (FGV / MPE-RJ / TÉCNICO / 2016) O primeiro parágrafo do texto 1 mostra uma estratégia no tratamento do tema, que é partir:

- (A) do passado para o presente;
- (B) do geral para o particular;
- (C) do todo para as partes;
- (D) do abstrato para o concreto;
- (E) do objetivo para o subjetivo.

(FGV / PGE-RO / TÉCNICO / 2015) Texto 1 – Alterar o ECA independe da situação carcerária
(O Globo, Opinião, 23/06/2015)

Nas unidades de internação de menores infratores reproduzem-se as mesmas mazelas dos presídios para adultos: superpopulação, maus-tratos, desprezo por ações de educação, leniência com iniciativas que visem à correição, falhas graves nos procedimentos de reinclusão social etc. Um levantamento do Conselho Nacional do Ministério Público mostra que, em 17 estados, o número de internos nos centros para jovens delinquentes supera o total de vagas disponíveis; conservação e higiene são peças de ficção em 39% das unidades e, em 70% delas, não se separam os adolescentes pelo porte físico, porta aberta para a violência sexual.

Assim como os presídios, os centros não regeneram. Muitos são, de fato, e também a exemplo das carceragens para adultos, locais que pavimentam a entrada de réus primários no mundo da criminalidade. Esta é uma questão que precisa ser tratada no âmbito de uma reforma geral da política penitenciária, aí incluída a melhoria das condições das unidades socioeducativas para os menores de idade. Nunca, no entanto, como argumento para combater a adequação da legislação penal a uma realidade em que a violência juvenil se impõe cada vez mais como ameaça à segurança da sociedade. O raciocínio segundo o qual as más condições dos presídios desaconselham a redução da maioridade penal consagra, mais do que uma impropriedade, uma hipocrisia. Parte de um princípio correto – a necessidade de melhorar o sistema penitenciário do país, uma unanimidade – para uma conclusão que dele se dissocia: seria contraproducente enviar jovens delinquentes, supostamente ainda sem formação criminal consolidada, a presídios onde, ali sim, estariam expostos ao assédio das facções.

Falso. A realidade mostra que ações para melhorar as condições de detentos e internos são indistintamente inexistentes. A hipocrisia está em obscurecer que, se o sistema penitenciário tem problemas, a rede de "proteção" ao menor consagrada no Estatuto da Criança e do Adolescente também os tem. E numa dimensão que implica dar anteparo a jovens envolvidos em atos violentos, não raro crimes hediondos, cientes do que estão fazendo e de que, graças a uma legislação paternalista, estão a salvo de serem punidos pelas ações que praticam.

Preservar o paternalismo e a esquizofrenia do ECA equivale a ficar paralisado diante de um falso impasse. As condições dos presídios (bem como dos centros de internação) e a violência de jovens

delinquentes são questões distintas, e pedem, cada uma em seu âmbito específico, soluções apropriadas. No caso da criminalidade juvenil, o correto é assegurar a redução do limite da inimputabilidade, sem prejuízo de melhorar o sistema penitenciário e a rede de instituições do ECA. Uma ação não invalida a outra. Na verdade, as duas são necessárias e imprescindíveis.

11 (FGV / TCM-SP/ AGENTE DE FISCALIZAÇÃO / 2015) Considerando o conjunto do texto 1, o título “Alterar o ECA independe da situação carcerária” representa:

- (A) uma opinião que se choca com a do autor do texto;
- (B) um argumento favorável à redução da maioria penal;
- (C) um contra-argumento que é explicitado no corpo do texto;
- (D) uma tese apoiada em argumentos de autoridade;
- (E) um argumento que se apoia na intimidação do leitor.

12 (FGV / PGE-RO / AGENTE DE FISCALIZAÇÃO / 2015) Diante do leitor, a voz do autor do texto 1 é:

- (A) autoritária, pois mostra suas opiniões como certas;
- (B) politicamente aliciadora, pois tenta convencer por meio de falácias argumentativas;
- (C) intimidadora, pois desconsidera intelectualmente os que participam de sua opinião;
- (D) sedutora, pois tenta manipular argumentos para que os leitores possam ficar convencidos;
- (E) pouco efetiva, pois o texto carece de conclusão que indique solução para o problema levantado.

GABARITO

1	C	5	C	9	B
2	E	6	B	10	B
3	D	7	D	11	C
4	B	8	A	12	A